

## Prostituição: que se passa?

A prostituição é um fenómeno complexo e delicado mas não forçosamente um facto novo em nenhuma sociedade. As suas causas é que variam consoante a natureza e complexidade de cada sociedade. Em alguns casos, este mal social tem as suas raízes na própria estrutura social e noutros é originado por situações conjunturais por que passam todas as sociedades humanas.

No período colonial, a prostituição foi um fenómeno que estava subjacente à própria estrutura social, que se caracterizava pela despersonalização da pessoa humana, sendo a prostituição apenas uma das suas múltiplas facetas.

Nessa altura existiam locais, uma espécie de «reservas» previamente definidas onde a promiscuidade sexual era fomentada e até mesmo «protegida» a sua existência e acarinhado o seu «florescimento» como negócio altamente lucrativo.

Existiam nessa época milhares de casebres disseminados pela vasta zona suburbana de cada uma das cidades do país. No caso concreto de Maputo, tornaram-se tristemente célebres os lupanares que se estendiam desde a Mafalala, passando por Malanga, Chamanculo, o actual Bairro da Urbanização (ex-Craveiro Lopes) até ao Bairro de Chihambanine (hoje Luis Cabral).

A maioria das prostitutas era constituída nessa época por mulheres jovens, regra geral recém-emigradas do campo para a cidade. Muitas delas eram recrutadas nas suas regiões de origem com a falsa promessa de uma vida florescente na cidade.

Uma vez na cidade e completamente desiludidas e desempregadas, estas jovens sem nenhuma ocupação para poderem garantir a sua sobrevivência no meio urbano, acabavam irremediavelmente enveredando pela prostituição.

Era assim que nasciam e cresciam os milhares de casebres nos subúrbios das cidades coloniais no nosso País. Nesse período, a prostituição surgia assim como uma espécie de actividade complementar de alguns cantineiros dos subúrbios. Esses cantineiros eram os proprietários das «casas-comboio» de apenas uma divisória, que eram arrendadas a essas mulheres recém-chegadas do campo.

Num certo período dessa mesma época, o fenómeno da guerra colonial esteve também ligado à prostituição. Basta recordar que não havia nenhum quartel colonial, em qualquer ponto do país, que não tivesse uma espécie de lupanar organizado para «servir» as tropas estacionadas nessa zona. Era assim em todo o país e as causas deste fenómeno estavam intrinsecamente ligadas à própria estrutura da sociedade colonial.

Com a proclamação da independência nacional, novos valores surgiram na sociedade moçambicana. As causas objectivas da prostituição foram eliminadas e uma nova sociedade de igualdade e de respeito pela pessoa humana nasceu. Deixaram de existir as condições objectivas que naquele tempo levavam muitos jovens de ambos os sexos a lançarem-se na promiscuidade sexual. Os lupanares e todos os casebres construídos para o negócio da prostituição cessaram a sua ignóbil actividade e passaram a acomodar no seu interior, pessoas idóneas, e os cantineiros deixaram de promover a prostituição.

Algumas medidas de carácter repressivo necessárias foram igualmente tomadas e poucos anos depois da proclamação da independência o espectro da prostituição foi praticamente erradicado pelo menos aparentemente.

Já não havia Rua Araújo e outros lugares que no período colonial se tornaram conhecidos como centros de prostituição. Os anos foram transcorrendo e até algumas prostitutas mudaram de vida, arranjam marido, nasceram filhos, em suma passaram a levar uma conduta socialmente aceite. Transformaram-se.

No entanto, nos princípios desta década, com a agudização da crise económica agravada pela agressão externa contra o nosso País, começaram a surgir na nossa sociedade os primeiros indícios de «uma nova prostituição», um fenómeno não forçosamente novo mas desta feita ditado por razões de ordem conjuntural e não estrutural.

Era a falta disto e daquilo que levou à humilhação das nossas filhas, mulheres e irmãs. Porque não havia no mercado oficial era necessário ser-se «amiga» deste ou daquele sujeito porque «consegue» arranjar o que o marido, o irmão, o pai não «consegue». Assim estava dado o primeiro passo no caminho da degradação moral.

Há dois anos começou a aparecer «tudo» no circuito normal da comercialização. É a fase do PRE, em que a vida deixa de ser artificial para ser concreta e dura para todos. Então temos de novo o fenómeno da prostituição. Já não anda escondida em alguns circuitos fechados. Sai à rua principalmente à noite. Frequenta cervejarias e restaurantes, e faz amor por dinheiro. São mulheres de todas as idades e origens sociais. De dia têm um estatuto que pode ser de esposa, estudante ou simplesmente funcionária, mas à noite são prostitutas já a concorrer para o «profissionalismo».

A Rua Araújo renasceu e com ela muitas outras nasceram. Já não é preciso perguntar a ninguém. A prostituição está à vista desarmada e é pelas suas características um fenómeno complexo e delicado. Não deve ser tratado de ânimo leve. Com o surtimento do SIDA então o problema muda de figura e assume outra gravidade bem maior. Não tenho nenhuma solução mágica, mas, hoje que é altura de começarmos a agir serena mas decididamente. De contrário, sucumbiremos impotentes perante uma ameaça mortífera sem precedentes. Afinal a prostituição nunca tinha acabado, esta estava, isso sim, hibernada.